



Recebido em:  
04/08/2017  
Aprovado em:  
04/08/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## O ALUNO DA EJA, O TRABALHO E A PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR

ALÍCIO RODRIGUES MATOS  
VANGIVALDO DE MENESES SOUZA  
LELIANA SANTOS DE SOUSA

EIXO: 7. EDUCAÇÃO, TRABALHO E JUVENTUDE

### RESUMO

Nesse artigo trazemos a temática dos jovens e adultos da EJA, relacionando os processos de juvenilização ao campo do trabalho e da participação na renda familiar; considerando o público de uma turma da EJA da cidade de Ubaíra-BA-Brasil, analisando um total de 20 alunos. O problema se apresenta pelo crescente número de alunos, cada vez, mais jovens nas turmas de EJA. Objetivamos compreender essa relação desses jovens com o mundo do trabalho e a participação deles na manutenção da renda familiar. Para isso buscamos compreensão em: Souza e Alberto (2008), Arroyo (2005), Brasil (2006), Freire (1987), Kohn (2017) e outros. Utilizamos da abordagem qualitativa e procedimento técnico a pesquisa de campo, para produção de dados um questionário. Os resultados se configuram a partir da compreensão das informações questionadas, além disso, seguida pelas vozes dos sujeitos.

**Palavras chave:** Juvenilização. EJA. Trabalho e Renda Familiar.

### ABSTRACT

The article focus on the theme of adults and young adults' education, relating to the process of youth labor in work settings and the participation in the family income. The authors worked with a group of students from an Adults and Young Adults Education program from the city of Ubaíra, Bahia, analyzing a total of 20 students. The authors problematized the increasing numbers of younger students in these educational programs, the objective being the comprehension of the relations that these young adults have with jobs and their participation in the upkeeping of the family income. For the present article the authors used as reference : Souza e Alberto (2008), Arroyo (2005), Brasil (2006), Freire (1987), kohn (2017) and others. The authors utilized a qualitative approach and technical procedures to field research to form a questionnaire from where data was created. The results are formed from the analysis of the data collected from the questionnaires, and, from the output of the participants.

**Keywords:** Juvenilization. EJA. Workand Family

### INTRODUÇÃO

O direito a educação tem sido tema recorrente e amplas discussões como uma necessidade de milhares de cidadãos

brasileiros como garantia de progresso, desenvolvimento social e humano, melhoria da qualidade de vida e convívio sustentável. No decorrer do processo histórico a educação tem passado por significativas mudanças enquanto tentativas de chegar ao cidadão com qualidade. Nesse sentido a educação é definida para atender a diferentes públicos de forma igualitária no campo do direito e promoção para todos, respeitando as especificidades de cada categoria.

No campo da Educação de Jovens e Adultos, a educação tem se tornado uma porta aberta para onde convergem, esses cidadãos que representam uma parcela da sociedade ainda analfabeta e que, por diferentes motivos deixaram de estudar mantendo, possivelmente, dentro de si a vergonha social do analfabetismo. Com o retorno à sala de aula, essas pessoas buscam conhecimentos que lhes permitam interação com o meio social, o mundo da tecnologia digital e do trabalho no sentido de que a educação favoreça além do acesso, a inclusão e ascensão social.

O presente artigo foi constituído a partir das contribuições abordadas na disciplina Cidadania, Inclusão e Ética na Educação de Jovens e Adultos, do segundo semestre do Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos, MPEJA, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Foi elaborado com a intenção de discutir o campo da EJA, no município de Ubaíra Bahia-Brasil, considerando o processo de juvenilização que vem ocorrendo nas salas de aula da EJA, buscando compreender a relação desse fenômeno com o mundo do trabalho e a participação na renda familiar.

As questões sociais, associadas à baixa condição econômica, processos de exclusão de raça, de gênero e outros tratados pela diversidade e diferença conforme a concepção da interseccionalidade, vem provocando impactos que contribuem negativamente para a desistência de jovens e adultos dos processos de educação regular, influenciando a migração desse público para as turmas da EJA, tornando-se a cada vez mais um campo repleto de jovens e menos de adultos. Muitos dos jovens necessitam trabalhar durante o dia para sustentar a si próprio e membros da família. Com base nesta realidade buscamos nesta pesquisa compreender: a participação do jovem do município de Ubaíra-BA, aluno da EJA no contexto das diferentes atividades laborais e a contribuição destes na manutenção das necessidades econômicas da família.

A perspectiva é de analisar até que ponto o fator socioeconômico das famílias de baixa renda tem contribuído para que os jovens abandonem o ensino regular e os motivos que os fazem optar pelo estudo na modalidade EJA.

Observamos que é comum professores dessas turmas reclamarem do crescente número de jovens que não expressam comprometimento com o ensino e aprendizagem nessa modalidade de educação e por isso, fragilizam as relações de convívio no ambiente escolar com adultos e idosos, não obstante buscamos compreender as razões do aumento do público de jovens, ano a ano, no ensino noturno.

Este artigo esta estruturado em introdução onde destacamos a temática, o problema de pesquisa, objetivo e relevância do estudo, seguido por procedimentos metodológicos e caracterização do sujeito, o contexto da juvenilização, o jovem, o trabalho e a participação na renda familiar, o ensino e a permanência na sala de EJA, resultados, considerações finais e referências bibliográficas.

## **PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS, CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E LÓCUS DE PESQUISA.**

A presente pesquisa foi realizada no Colégio Municipal Natur de Assis Filho, localizado na cidade de Ubaíra - Ba - Brasil, escola de grande porte, que funciona nos três turnos, sendo o diurno na modalidade do ensino fundamental, séries finais e no noturno na modalidade da Educação de Jovens e Adultos series finais do ensino fundamental. A investigação ocorreu no mês de abril de 2017 com um total de vinte alunos da EJA da turma de 6º e 7º ano, moradores da zona rural e de bairros periféricos da cidade. O quadro abaixo descreve algumas características dos alunos investigados.

Quadro 1- Caracterização dos alunos:

Faixa Etária	Sexo	Realiza outras atividades ajudante de pedreiro,	
--------------	------	--	--

15 a 18 anos	19 a 31 anos			Trabalha na agricultura	empregada doméstica, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de oficina, pintor, autônomo, feirante	Não respondeu a respeito da atividade laboral
		M	F			
12	8	14	6	6	8	6

Fonte: Elaborado pelos autores, (2017).

A escolha da turma aconteceu de forma aleatória por ser a única que no momento da produção de dados para a pesquisa, não se encontrava, naquele período em atividade avaliativa.

A pesquisa de cunho exploratório, que de acordo Gil (2002, p.41) “Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. Esta permite uma abrangência maior no objeto estudado, propiciando um conhecimento mais aprofundado, porque pode abrir um leque de informações através de ferramentas de pesquisas que poderão ser utilizadas.

Optamos neste trabalho por uma abordagem qualitativa que para Gerhardt e Silveira (2009, p.31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” A abordagem qualitativa busca compreender os fatos, não se preocupando em quantificar, mas procurando conhecer os fenômenos num determinado grupo que varia na sua forma de vivência, organização, interesses, lutas e aspirações.

Neste trabalho de pesquisa o procedimento técnico utilizado foi uma pesquisa de campo, por ser apropriada para o estudo realizado e propiciar o contato direto com o sujeito investigado diretamente no lócus da investigação, possibilitando maior compreensão, numa relação investigador/ investigado que poderá utilizar-se também de outros procedimentos para que possa ser desenvolvida a pesquisa.

A pesquisa de campo para Fonseca (2002, p. 32) “Caracteriza as investigações para além da pesquisa bibliográfica e / ou documental, se coletam dados junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisa” [...]. Como instrumento para coleta de dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas, Gil (2008) o define da seguinte forma:

[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL 2008. P. 121).

Diante da definição de Gil, percebemos que um questionário que revelam também sentimentos e valores, não poderá ser elaborado de qualquer forma. Para responder a questões objetivas e subjetivas deverá ser levando em consideração o grau de instrução dos sujeitos e suas experiências no contexto da pesquisa. O questionário deverá ser elaborado de forma que os investigados não encontrem dificuldade em responder as perguntas, caso contrário poderá comprometer e dificultar a produção de dados.

## A JUVENILIZAÇÃO DA EJA

Percebemos que a configuração da educação de jovens e adultos no Brasil, tem se demonstrado com novas características, não é mais tão somente aquele adulto morador da área rural que frequenta as salas de aulas à noite, nem aqueles oriundos de classes multisseriadas, mas também, os que advêm de um ensino fragmentado interrompido por diversos motivos, com uma gama de complexidades de relacionamentos, personalidades, conflitos, cuja condição socioeconômica tem forte influência, nesse sentido trazendo consigo um vazio de necessidades, que demanda nova reconfiguração das práticas docentes com o desafio de atender especificidades desse modelo de educação.

Não obstante, refletimos que o trabalho de Paulo Freire tem o sentido de promoção da ascensão do popular e se inicia em 1962 na região nordeste tida como a mais pobre do Brasil, na época com aproximadamente « 15 milhões de analfabetos para uma população de 25 milhões de habitantes ». Verifica-se que os jovens das comunidades rurais permanecem fora da história porque esse modelo de educação está distante de uma prática de educação para a liberdade ; não lhes possibilita desenvolver potencialidades educativas, quando adentram ao mundo do trabalho, cuja economia continua se fundamentando no poder dos grandes latifúndios e produtos de exportação.

Os jovens que frequentam as turmas da EJA carregam o histórico da reprovação, do abandono escolar e da desigualdade socioeconômica, cujo déficit educacional resulta da falta ou da limitação de ação socioeducativa direcionada à superação das condições materiais de existência. Ainda pesa sobre eles, a obrigação do trabalho juvenil como alternativa para o sustento das famílias, ficando condicionado ao ensino noturno e às dificuldades que se apresentarem. Segundo Andrade (2004):

Valorizar o retorno dos jovens pobres à escolaridade é fundamental para torná-los visíveis, já que representa a chance que, mais uma vez, esse jovem está dando ao sistema educacional brasileiro de considerar a sua existência social, cumprindo o direito constitucional de todos terem acesso à escolaridade básica. (ANDRADE, 2004, p. 51)

O número de alunos jovens cresce a cada ano, modificando cartograficamente os espaços e as relações escolares, exigindo cada vez mais professores qualificados para lidar com esse público e a complexidade dessas relações. Nesse sentido, Brunel (2004) afirma que:

[...] os jovens, quando chegam nesta modalidade, em geral, estão desmotivados, desencantados com a escola regular, com histórico de repetência de um, dois, três anos ou mais. Muitos deles sentem-se perdidos no contexto atual, principalmente em relação ao emprego e à importância do estudo para sua vida e inserção no mercado de trabalho. Este novo panorama, pouco a pouco, foi modificando o ambiente escolar, exigindo dos professores uma nova postura e um jeito novo de conviver com estes alunos, cada dia mais jovens. (BRUNEL, 2004, p. 9-10).

As especificidades nesse campo se tornam desafiadoras considerando a complexidade dos diferentes contextos sociais aos quais o jovem transita e mantém relações de pertencimento. Contudo, receber esses novos sujeitos nos espaços de formação não é uma tarefa fácil, mediar os conflitos das relações interpessoais, é algo que passa a ser comum e desafiador ao mesmo tempo, visto que jovens e adultos têm propósitos e comportamentos diferenciados. De um lado estão as pessoas “maduras” que buscam aproveitar o tempo para compreender o mundo pela leitura e a escrita. Do outro lado o jovem com características intermitentes e que passa a ser incompreendido pelos adultos, estabelecendo-se uma demarcação de conflitos de geração. Emergem daí características diversas, não apenas sociais, mais também culturais, raciais, religiosas e de gênero, cujo espaço se torna em constantes conflitos, pela incompreensão, falta do respeito às diferenças e aos valores, da concepção que o aluno adulto faz do aproveitamento do tempo e da vida, diferentemente da compreensão que o jovem tem de si, do espaço, do outro, do ensino e da aprendizagem.

De um modo geral, a relação conflituosa também pode ser remarcada pela relação de tensão entre os professores, quando estes não conseguem estabelecer uma relação profissional correspondente com as características da dimensão de ensino em EJA. Este campo docente, limitado muitas vezes pela formação deficitária, se vê na obrigação de lidar com estas realidades e responder às exigências dos mais idosos, que passa a desistir das turmas da EJA, por não conseguir estabelecer laços de convivência com os mais novos.

Dayrell (2003) chama a atenção para a visão rotulada que o professor da EJA tem de turmas mescladas de alunos muito jovens, pontuando:

O que se constata é que boa parte dos professores de EJA tendem a ver o jovem aluno a partir de um conjunto de modelos e estereótipos socialmente construídos e, com esse olhar, correm o risco de analisá-los de forma negativa, o que os impede de conhecer o jovem real que ali frequenta (DAYRELL, 2003, p. 54).

Trata-se de um processo de juvenilização da EJA, o qual exige constantes mudanças em todo procedimento e preparação dessa modalidade. Observa-se que o professor que lida com essas turmas, nem sempre tem formação inicial apropriada, para corresponder com as demandas dos adultos menos ainda dos jovens. Criar rótulos ou julgamentos a partir de observações fragmentadas é colaborar para que esse aluno jovem não faça nem se sinta parte do processo.

A busca por este modelo de ensino se fundamenta no ideário de uma escolarização acelerada, onde o jovem passe menos tempo na escola e conclua o estudo mais rápido, objetivando se inserir no mercado de trabalho. Silva (2009) quando diz que:

Algumas das expectativas desses jovens em torno do processo de escolarização da EJA pautam-se pela inserção no mercado de trabalho, pela certificação, pela aceleração do tempo escolar, bem como pela construção de vínculos de amizade, pela percepção da sua identidade étnico-racial, dentre outros. (SILVA 2009, p. 70).

Passamos a perceber o quão distante podem estar sendo representados os diferentes interesses por esta modalidade, se levarmos em consideração a distância entre os quereres dos que estão dentro de uma faixa etária entre 15 a 18 anos, se comparados com os anseios dos mais maduros. Nesta compreensão, a juvenilização da EJA é um tema que está longe de esgotar as discussões, quando observamos a prematuridade da temática longe da realidade quantitativa e qualitativa da presença do jovem e a necessidade de formação e qualificação dos profissionais diretamente envolvidos na questão.

## **O JOVEM, O TRABALHO E A PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR**

Discutir os motivos que levam milhares de adolescentes e jovens a abandonarem a escola, em diferentes cidades do país, é uma questão extremamente necessária, visto que o aluno que procura as turmas da EJA para frequentar e seguir estudando posteriormente tem origem familiar muito humilde, são obrigados a trabalhar desde cedo e não conseguem acompanhar os processos regulares de educação, conseqüentemente tem seus estudos prejudicados em decorrência das repetências e das sucessivas desistências. Em outras informações Brasil (2006) é dito que:

Uma das principais características do aluno EJA é sua baixa autoestima, reforçada pelas situações de fracasso escolar, ou seja, a sua eventual passagem pela escola muitas vezes marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar. Já que seu desempenho pedagógico anterior foi comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimentos de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASIL, 2006, p. 19).

O estudante da EJA, em idade juvenil, convive com os sonhos do estudo paralelo às atividades de trabalho que desempenham durante o dia. Essas atividades podem ser classificadas como bicos, diárias, empreitas, prestação de serviço, em condições precárias de realização sem contemplar nenhum vínculo empregatício. Os jovens se submetem a realizá-las, para que no final do dia ou da semana, possam contribuir com algum valor econômico junto às famílias, correspondendo com as necessidades mais imediatas que é sempre a aquisição do alimento.

Essas atividades são variadas e a condição do gênero influencia muito. Geralmente as mulheres tendem a realizar trabalhos domésticos e cuidadoras de crianças. Há também as que trabalham em área rural. Já aqueles ainda

“garotos”, realizam trabalho de carga e descarga de caminhões, coleta de material para reciclagem, borracheiro, cobradores de transporte alternativo, ajudantes na construção civil, dentre outras atividades mal remuneradas, com alto risco de acidentes.

Na região rural, esse jovem realiza atividades de preparação do solo para o plantio de sementes, realiza colheita dos mais variados produtos agrícolas, geralmente essas áreas de plantio são longe dos centros urbanos, áreas de difícil acesso, onde nem sempre possuem escola na modalidade EJA, inviabilizando a permanência do jovem no ambiente escolar mais próximo de sua residência.

Para Arroyo (2005, p.29) “desde que a EJA é EJA, os jovens e adultos são os mesmos: pobres, desempregados, vivem da economia informal, negros, vivem nos limites da sobrevivência”.

Silva (2009) chama atenção para o tratamento da Juvenilização do aluno da EJA e das questões que envolvem o contexto sociocultural, além de gênero e raça, o aluno que tem frequentado a EJA em sua maioria são negros que desistiram do processo de ensino regular. A escola esta não compreende sua realidade; não os efetiva como sujeitos de direitos, e nesse sentido a escola não se revela enquanto ambiente de acolhimento levando em consideração as especificidades sociais, mas sim, como lugar que também estabelece conflitos de relação entre partícipes do processo educativo e que, contrariamente às expectativas pode agravar as desigualdades e promover a exclusão.

Em Andrade, (2004) fica claro que:

Nessa perspectiva, uma questão importante, para a EJA, é pensar os seus sujeitos além da condição escolar. O trabalho, por exemplo, tem papel fundante na vida dessas pessoas, particularmente por sua condição social, e, muitas vezes, é só por meio dele que eles poderão retornar à escola ou nela permanecer, como também valorizar as questões culturais, que podem ser potencializadas na abertura de espaços de diálogo, troca, aproximação, resultando interessantes aproximações entre jovens e adultos. (ANDRADE, 2004, p.3).

Muitos jovens ainda apresentam características semi-analfabeta, fator que denuncia a brutal e cruel realidade de vida e opressão a que são submetidos milhares de cidadãos brasileiros que precisam optar pelo sustento pessoal e familiar, ao sonho de uma vida escolar regular. Segundo Freire (1987, p. 95) “esta condição, como já, vimos, lhe é imposta pelo fato de as massas populares, não terem chegado, ainda, a criticidade ou à quase criticidade da realidade opressora”. Esta situação opressora é negligenciada por nossa sociedade, que ainda assim muitas vezes impõe descaso, invisibilidade ao problema e a esses sujeitos.

Souza e Alberto (2008), no que se refere ao trabalho dizem que:

No caso dos trabalhadores precoces, a rotina de trabalho, que lhes causa cansaço físico (dores no corpo, na cabeça), sobrecarga de responsabilidades e desânimo, priva-os da brincadeira, e não raro, de estudar, passando a se tornar a referência primeira em termos de conhecimentos, ao invés das vivências escolares. Enquanto alunos, eles se atêm prevalentemente ao conhecimento do senso comum e das experiências cotidianas, o que contribui para que se tornem leigos no domínio dos conhecimentos científicos e no capital cultural requerido nas sociedades escolarizadas. Assim, tendem a fracassar na escola, pois nesta são exigidas habilidades pautadas em parâmetros que somente a educação formal poderá oferecer, entre as quais: raciocínio lógico, pensamento abstrato, linguagem conceitual, conceitos aritméticos e algébricos, entre outros. (SOUZA e ALBERTO 2008, p. 716).

Nestas condições adversas ao estudo e à aprendizagem, se configura o motivo de muitos jovens frequentarem as aulas das turmas da EJA à noite, ainda movidos pelos sonhos de uma vida melhor e o desenvolvimento de

habilidades tardias de leitura e escrita.

## ANÁLISES E RESULTADOS

A produção de dados da pesquisa se deu junto aos alunos da EJA, sendo possível observar vários aspectos que levam os alunos a abandonar o estudo regular no período diurno e passarem a estudar a noite. A tabela abaixo explicita um dos questionamentos feitos aos alunos e seus relatos respectivos que confirmam os motivos provocadores da situação. Para preservar a identidade sem perder a sua singularidade, neste resultado, optamos por representar cada aluno, por letras do alfabeto.

**Tabela 1 – Fala individual dos alunos**

	<b>RESPOSTA DOS ALUNOS</b>
Porque você preferiu estudar na modalidade EJA	<p>A. Eu passei a ser dona de casa.</p> <p>(E, I, K, L, N) Porque eu trabalho durante o dia.</p> <p>(M) Eu engravidei muito cedo ainda adolescente.</p> <p>(F e O) Porque eu precisei adiantar os estudos.</p> <p>(G) Porque moro na roça e só tem carro pra pegar aluno da EJA à noite.</p> <p>(C e S) Porque eu precisei cuidar dos filhos.</p> <p>(G) Eu acho que a na EJA é mais fácil e posso procurar trabalho</p>

Fonte: Os autores a partir dos dados da pesquisa 2017.

Após análises das falas desses sujeitos, compreende-se a busca pela modalidade de ensino EJA. Maia et. al, (2016), fala das dificuldades em frequentar a escola, a interferência dos problemas pessoais na permanência na escola e a vulnerabilidade socioeconômica que contribui para que esses sujeitos busquem o mercado de trabalho ainda em idade escolar. Grande parte ainda sem nenhuma experiência prática no mundo do trabalho, são absorvidos informalmente e aceitam a condição de subempregos, pois precisam sustentar-se e/ou a família. Contudo o que se percebe é que para eles a escola é uma referência da qual os mesmos não querem estar longe, mesmo tendo que vencer o cansaço físico ou readaptar seu cotidiano para estudar a noite.

Para Tanure, Oliveira e Farias,

Dessa forma os alunos da EJA, precisam de valorização dos seus saberes, das suas práticas culturais, logo, a escola precisa acreditar que os jovens estudantes da EJA possuem saberes importantes, a serem compartilhados em sala de aula construído a partir de suas realidades e experiências de vida, no que tange a sua cultura, ao seu trabalho, à sua cotidianidade e às dificuldades provenientes das suas origens sociais e situação econômica que foram preponderantes na negação e violação dos direitos sociais desses

estudantes, a exemplo do direito a educação. (TANURE, OLIVEIRA E FARIAS, 2009, p. 60)

Esta compreensão nos remete a pensar no papel da escola na vida desses cidadãos, que precisam de alguma forma se reafirmarem no contexto social e familiar como estudantes, que sonham por uma vida mais digna e de menos privação e que veem ainda na escola a porta para realização dessas expectativas. Nessa lógica a escola precisa atender de forma mais humana os alunos, sobretudo no contexto didático previamente planejado no espaço escolar.

Há necessidade de aproveitamento de suas experiências de vivências como exemplo para construção de um conhecimento emancipatório e construção de uma identidade social deles, colocando-os em condição igualitária frente a outros sujeitos num contexto das múltiplas relações sociais.

Outros questionamentos e suas respectivas respostas podem ser verificadas no quadro abaixo quanto ao tempo de realização de atividades, média de valores que recebem, satisfação com o trabalho, a participação na renda familiar e as despesas de responsabilidade desse jovem no contexto da família.

#### Quadro 2 - Informações referentes à condição laboral do aluno.

Jovens que trabalham		Média de horas trabalhadas por dia	Média do salário que ganha os alunos trabalhadores	Satisfeito com a atividade laboral que executa		Jovem trabalhador que colabora com as despesas da casa		Principais despesas familiares assumidas pelos jovens trabalhadores
Sim	Não			Sim	Não	Sim	Não	
16	04	8 horas	R\$ 600,00	10	10	09	11	Alimentação, conta de luz, água, gás

Fonte: Dados construídos pelos autores a partir de questionários, (2017).

De acordo os dados produzidos com os alunos a respeito de seu cotidiano na relação família, trabalho e escola foi possível compreender que, a maioria dos alunos investigados executa alguma atividade diariamente, muitos com carga horária compatível ou superior ao trabalho formal. Estes são mal remunerados pelo que fazem se comparado o tempo de trabalho e o ganho real, o nível de insatisfação pela atividade que executam chega a 50% entre os alunos entrevistados. Além disso, metade deles tem papel importante na contribuição dos gastos familiares essenciais. Outros 50% afirmam não contribuir com as despesas familiares.

Outras informações referentes à relação e vínculo com o trabalho foram questionadas e os alunos relataram como acontece da seguinte forma:

#### Quadro 3- relação de vínculo de trabalho dos alunos.

Categorias	Quantitativo	Vozes dos sujeitos
Trabalham por conta própria	8 alunos	(N). Eu trabalho na feira. (L). Eu trabalho na agricultura. (O) Eu trabalho na roça. (P) Eu sou ajudante de pintor.
Trabalha por hora	1 aluno	(I) Trabalho em oficina mecânica.

Diarista	7 alunos	(C) Eu faço faxina uma vez por semana. (B) Trabalho na lavoura de amendoim. (K) Eu trabalho de ajudante de pedreiro.
Produção	Não houve quantitativo	-----
Contrato	Não houve quantitativo	-----
Assalariado	Não houve quantitativo	-----

Fonte: Elaborado a partir dos autores, (2017)

Os relatos descritos na tabela acima reforçam a característica do mundo da informalidade que vivem os alunos da EJA. A relação e a condição de trabalho reafirmam as marcas da desigualdade social a que estão submetidos esses cidadãos expostos a campos de trabalho que mais lhe custa forças físicas e menos rentabilidade pelas atividades que desempenham. Ainda assim com tantas condições adversas à permanência ao estudo, se mantém confiantes no processo de aprendizagem por meio da inclusão na EJA, como alternativa de construção de uma identidade que venha lhes dá autonomia e emancipação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da Educação de Jovens e Adultos, tem se constituído como complexo, inespecífico e até contraditório. Analisar suas características requer sempre do observador, além das capacidades técnicas, o olhar sensível que trás consigo uma sensibilização de ver o outro, como um todo, não apenas em partes. De acordo com Kohn (2016, p. 22), "Para muitos professores e educadores, a observação é indispensável na profissão deles. Observando bem aqueles sobre quem e por quem eles trabalham, eles podem conhecer suas necessidades e suas lacunas e assim responder a eles e remediar".

Não há como ver os sujeitos dissociados do mundo tão pouco o mundo sem relação com os sujeitos, à compreensão que o outro constrói ao longo de suas vidas, estando no mundo em relação com o outro, partem das visões sociais e influenciam diretamente na sua qualidade e condição de vida, como sujeitos em constantes processos de transformação.

O aluno da EJA observado nesta pesquisa é exatamente como descreveu Arroyo (2005a, p. 29), são cidadão que [...] "vivem no limite da sobrevivência". A EJA na vida deles pode ser a representação dessa superação.

A partir dos dados dessa pesquisa, tomando como referência esses alunos da EJA, nas suas mais diferentes dimensões psicológicas, sociais e culturais que contemplam o campo da educação, do trabalho e da família os consideramos como agentes em construção de conhecimentos na busca de seus espaços de direitos limitados ou negados. Olhar e discutir as dimensões que envolvem o campo EJA, de maneira sensível exige uma (re) configuração, que vai desde a forma de ver o sujeito até a reflexão de sua condição sociocultural e humana.

Ao analisarmos os dados produzidos, ficou evidente, que os fatores socioeconômicos tem forte influência junto aos jovens, nas mudanças da modalidade de ensino regular para o ensino em EJA, já inseridos no mercado informal como mecanismo de emprego e renda. O trabalho permite que o cidadão possa ter dignidade e viver no mundo com independência, a maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, exercem alguma atividade laborativa, contudo muitas dessas em péssimas qualidades de execução e remuneração, sem visibilidade ou prestígio social. Contudo esta tem sido a única forma de geração de renda, para os jovens, que, confirmam sua contribuição ainda muito cedo ao sustento familiar. Embora, fique prejudicado o aprendizado como chave que abre portas no mundo para o papel de sujeito, o exercício de direito, e não de objeto permanente. (Freire, 1967, p. 108).

Também foi possível constatar a heterogeneidade dos sujeitos presentes no estudo desenvolvido, as diferentes idades e gênero, histórias de vida e sonhos. Estes protagonistas sociais demonstram acreditar na escola e veem a EJA como espaços para possibilitar o crescimento pessoal, mesmo que precisem garantir a sobrevivência de membros familiares dos quais são responsáveis.

Nesse sentido há a necessidade de se levar em consideração aspectos que envolvem a EJA, sejam eles políticos, de legislação e de formação de professores para que esses sujeitos possam de alguma forma ser melhor assistidos e promovidos socialmente com direitos legalmente garantidos, incluídos em um processo de educação que lhes possibilite melhor aprendizado e desenvolvimento sociocultural.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. R. **Os jovens da EJA e a EJA dos jovens**. In: OLIVEIRA, I. B. de; PAIVA, J. (Org.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 43- 54.

ARROYO, Miguel. **A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão**. In: Construção coletiva: Contribuições à Educação de Jovens e Adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005.

\_\_\_\_\_. **A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão**. In: BRASIL. Ministério da Educação. *Construção Coletiva: Contribuição à Educação de Jovens e adultos*. Brasília, 2005<sup>a</sup>. ( Coleção Educação para todos, v.3).

BRASIL. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**: alunos e alunas da EJA: Caderno 1. Brasília, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_caderno1.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf) Acessado em 24/03/2017.

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito Social**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acessado em: 31/07/2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Disponível em: [http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila\\_-\\_METODOLOGIA\\_DA\\_PESQUISA\(1\).pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA(1).pdf). Acessado em 31/07/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.1987.

\_\_\_\_\_. **Educação como pratica de Liberdade**. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra , 1967.

GERHARDT, Tatiana Engel, Denise Tolfo Silveira. (organizadoras) **Métodos de pesquisa** / coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Gil, Antônio Carlos, **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

\_\_\_\_\_. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

KOHN, Ruth, Canter. **Os desafios da Observação**: sobre os desafios da nossa maneira de perceber e descrever os

fatos humanos em uma exploração da observação questionante./ Leliana Santos de Sousa (trad) – Curitiba: CRV, 2016. 228p.

MAIA, Humberto Cordeiro Araújo, Juarez da Silva Paz e Tânia Regina Dantas.

**Quem é e o que faz o estudante da educação de jovens e adultos** Identidade, cultura, formação, gestão e tecnologia na educação de jovens e adultos/ Antônio Amorim, Tânia Regina Dantas, Edite Maria de Farias, Organização.- Salvador. EDUFBA, 2016.

SILVA, Natalino Neves da, **Educação de Jovens e Adultos**: alguns desafios em torno do direito à educação. Paidéia r. do cur. de ped. da Fac. de Ci. Hum. e Soc., Univ. Fumec Belo Horizonte Ano 6 n. 7 p. 61-72 jul./dez. 2009.

SOUZA, O. M. C. G. de, ALBERTO, M. de F. P. **Trabalho Precoce e processo de escolarização de crianças e adolescentes**. Psicologia em estudo. Maringá, v. 13, n. 4, p.713-722, out-dez, 2008.

TANURE, Ana Célia Dantas; Maria da Conceição Cedro Vilas Boas de Oliveira; Edite da Silva de Farias; **Distanciamento entre o que é desenvolvido na escola e o contexto da vida dos estudantes da Educação de jovens e adultos**. Identidade, cultura, formação gestão e tecnologia na educação de Jovens e Adultos/ Antônio Amorim, Tânia Regina Dantas, Edite Maria da Silva d e Farias, Organização. – Salvador: EDUFBA, 2016. 175 p.